



### É ROSALIA DE TODOS?

Helena Miguélez-Carballeira trata a apropiación do legado rosaliano por parte daqueles que se colocam ao abeiro do poder, assim como o afastamento dos setores populares que contribuíron para a preservación da sua memória, colaborando por exemplo com a posta em andamento da casa-museu da poeta em Padrom.

### CRIAÇÃO

Nesta primavera que faz parte de outras mil, uma outra leitora do NOVAS DA GALIZA foi generosa abondo para partilhar conosco as suas criações. Nascida em Orbazai, paróquia do concelho de Lugo, licenciada em Filologia Clássica e acordeonista, Evinha da Torre Conde escreve versos quando corta linhas desfazendo a prosa da sua vida para tentar expressar o que sente.

### CINEMA

Xurxo Chirro debruça-se sobre a existência do Novo Cinema Galego, sem padrons estabelecidos de antemão, de grande diversidade e variedade nas propostas e centrado no local, mas que aborda questões contemporâneas e universais, com grande interesse pola experimentação.

## EM TEMPOS

# Manuel Murguía: semente de nação

Rubén Melide

Manuel Murguía nasce a 17 de maio de 1833. Eis o motivo longínquo da celebração da jornada grande das nossas letras nessa data: Rosalia publicou o seu *Cantares Gallegos* em 17 de maio de 1863 como homenagem ao seu companheiro em vida e, por sua vez, a Academia instituía o Dia das Letras, cuja primeira edição coincidiu com o centenário de *Cantares Gallegos* como reconhecimento à obra da poeta.

Apesar de ter nascido no concelho de Arteijo, a infância de Murguía transcorre, como digemos, na capital do país, onde o seu pai regia umha farmácia. Com doze anos, presencia os acontecimentos de abril de 1846. A rebelião galega contra o governo estatal foi um marco na tomada de consciência coletiva no caminho da autoafirmação nacional. Quando as tropas às ordens de Solís se dirigiram ao aquartelamento de Sam Martiño Pinário, a botica do pai de Murguía serviu de hospital para os combatentes galegos feridos. Dez

anos depois, Murguía escreverá:

“Há umha página triste na história do meu país natal, da Irlanda de Espanha (...), umha página de bágoas e de sangue, como o é também de glória. Essa página é umha data, essa data um aniversário, esse aniversário um dia de dor e de luto para os verdadeiros galegos”.

A geração de Murguía irá ligar asinha às ideias dos revoltados de 1846. Na sociedade cultural e literária Liceo de la Juventud, fundada em 1847 e mais tarde instalada nos baixos do antigo convento de Santo Agostinho, terá centro de reunião e intercâmbio cultural, contribuindo esta circunstância para a vocação literária e a consciência progressista de personagens como Aurélio Aguirre, Eduardo Pondal ou Rosalia de Castro.

O pai de Murguía quer que o seu filho siga os seus passos no mundo da farmácia. Porém, Murguía partirá para Madrid a exercer o jornalismo. Na capital do Reino, estabelece relações com o galego Eduardo Chao, umha figura de primeira ordem entre as gentes de ideias avançadas do momento. Em Madrid, Murguía irá colaborar num bom feixe de publicações li-

berais (como *Las Novedades* ou *El Museo Universal*) e escreverá a maioria da sua obra em prosa.

Em 1856, de volta na Galiza, e como redator de *El Correo Universal*, Murguía louva a obra de Benito Vicetto *Los hidalgos de Monforte*, começando assim umha correspondência postal entre ambos os dous. Porém, no futuro Vicetto e Murguía terão umha relação complicada, derivada dumha certa incompatibilidade de caracteres e, especialmente, de visões antagónicas a respeito da história do país: enquanto Vicetto aborda a disciplina dumha perspectiva novelesca e fantasiosa, Murguía mostra-se muito mais tendente ao rigor e o método científico. Aliás, as tensões também podem ter a ver com o facto de serem redatores de jornais rivais, pertencendo Murguía ao unitarista e galeguista *La Oliva*, sediado em Vigo, enquanto Vicetto dirige na Corunha *El Clamor de Galicia*, muito mais dedicado às aspirações dum certo *corunhesismo*.

Após constantes mudanças de residência, Murguía casa com Rosalia de Castro em 10 de outubro de 1858, voltando a se estabelecer

na Galiza e focando plenamente o seu trabalho na investigação sobre o país e na sua dignificação. Começa aqui a sua etapa de esplendor, em que será umha figura chave no movimento galeguista. A partir de 1865, vam aparecendo os sucessivos volumes da sua *Historia de Galicia*. O prólogo desta obra irá ter umha importância fundamental na evolução ideológica do galeguismo até desembocar no nacionalismo galego

Com o galho da Revolução de setembro de 1868, Murguía fai parte do Comité Progressista de Compostela. Com os seus amigos no governo, a família desloca-se para Madrid, onde Murguía fará parte do Corpo de Arqueiros, Bibliotecários e Antiquários. Dous anos mais tarde, irá ocupar a direção do Arquivo Geral da Galiza. A chegada da Restauração implicará a sua demissão, mas o movimento galego entra aqui num período de frenética atividade. Em 1885, ano da morte de Rosalia, Murguía é nomeado cronista oficial do Reino da Galiza, a proposta da compostelana Sociedade Económica de Amigos do País, cuja subvenção nom aceita para que vaia destinada à

educação de crianças pobres.

Em 1886, publica *Los Precursos*, em cujas páginas é reivindicada a história do movimento galego. Também é este o ano do Certame Literário e Musical de Ponte Vedra, organizado polo jornal *O Galiciano*. Trata-se da primeira vez que num ato deste tipo todas as composições e trabalhos empregam somente a nossa língua. O mesmo irá acontecer com os Jogos Florais de Tui de 1891, em que mesmo o bispo da diocese se dirige em galego aos assistentes. Para Murguía, a língua é um factor principal na conformação da nacionalidade e sobrevive como língua nacional a sul do Minho:

“Nunca pagaremos aos nossos irmaos de Portugal que nos tenham conservado e que tenham feito do galego um idioma nacional”.

Os últimos anos de Murguía som os da criação da Academia Galega, que ele próprio presidiu e da sua adesão ao agrarismo de *Solidaridad Gallega*. O chamado por alguns de *Patriarca* já se tinha retirado da primeira linha do movimento galego, dedicando-se em exclusiva ao trabalho investigador.





EM TEMPOS

# O que quer dizer que 'Rosalia é de todos'?

A figura de Rosalia é empregue polo poder enquanto som desprezados os valores que defendia

Helena Miguélez-Carballeira

Com o galho do sesquicentário da publicación dos Cantares gallegos están a ser levadas a cabo neste ano diversas iniciativas que buscan reativar o legado de Rosalia de Castro na sociedade galega contemporánea. Entre estas, há eventos culturais ou cívicos como o congresso 'Rosalia de Castro no século XXI: Umha nova olhada', organizado polo Conselho da Cultura Galega ao longo desta primavera, ou a iniciativa 'Alvorada para Rosalia', impulsada com grande éxito de participación no aniversário do seu nascimento no passado 24 de fevereiro. Acarom destes eventos e imbricados também no vocabulário da comemoração rosaliana, surgem outros atos institucionais como a emissão da mensagem de Fim de Ano do Presidente da Junta desde a Casa-Museu de Rosalia de Castro ou a celebração no mesmo lugar do ato institucional da Junta no dia 8 de março, em homenagem à autora enquanto defensora dos 'direitos femininos'. Em contraste com a aparente coesom entre estes atos e cerimónias, que revelam ou fam valer a vigência do legado rosaliano na Galiza contemporánea, surge também um jogo de receios e apreensões perante a legitimidade, ou falta desta, com que se traz para usos bem diversos o nome de Rosalia de Castro. Porém, um preceito semelha pacificar posicons, por riba de muitos outros que volteiam o nome da autora: aquele que recolhe a ideia de que o que Rosalia de Castro deixou feito, e a sua figura mesma, é de todos.

Como convidada a participar numha jornada do dito congresso no Conselho da Cultura, e acirrada pola rapidez com que se tenhem sucedido pronunciamentos e divergências arredor do motivo rosaliano no presente ano, realizei para a minha intervençom umha série de pesquisas sobre a Casa da Matança, lugar onde de Castro morou com os filhos em aluguer durante os três últimos anos de vida, hoje transformado na sua Casa-Museu. Lendo o nom cativo corpus bibliográfico que existe sobre a Casa, topava repetidamente com referências de passagem à subscriçom po-



pular que tornara possível o financiamento das obras e que culminara com a inauguraçom da Casa-Museu Rosalia de Castro a 15 de julho de 1971. A consulta demorada dos números de La Voz durante este período, onde quase cada dia se publicava a lista das achegas que a gente carreava até as delegaçoms do jornal ou de bancos do país, causa abraio. Ao dia seguinte de ser publicada a chamada que se figura durante a cerimónia de entrega do Pedrom de Ouro a 25 de maio de 1970, e ainda sen terem sido habilitados os canais para a recolha dos quartos, já «infinitude de gentes», lê-se no jornal, manifestara o desejo de contribuir para o projeto. Os detalhes da subscriçom, que duraria treze meses e através da qual foi recolhido ao redor dum milhom e meio de pesetas, oferecem um retrato extraordinário da capacidade de ativismo e participação popular da época. Além das achegas feitas por câmaras municipais, deputaçoms e bancos, a chamada para ajudar à

**Nom foi desprezível a contribuiçom das classes populares, cujas achegas apareciam assinadas com os alcumes de família ou grémios**

restauraçom da Casa da Matança foi atendida profusamente por associaçoms culturais, escolas e institutos, colégios profissionais, empresas familiares e clubes desportivos como o Celta de Vigo. Num traçado transversal, as achegas individuais vinham, por um lado, de gente implicada na resistência cultural e antifascista, que assinavam com nomes e apelidos, com pseudónimos como 'John Moore y la hija del mar', ou na lembrança de Ánxel Casal ou Castelao. Mas nom foi desprezível a contribuiçom da classe labrega, marinheira e proletária galega, cuxas achegas individuais ou coletivas

apareciam assinadas com os alcumes de família, grémios, ou simplesmente como 'umha galega' ou 'uns galeguinhos probes'.

Chama a atençom que, perante o éxito inquestionável que ia mostrando a arrecadaçom, o na altura Presidente do Patronato Rosalia de Castro, o médico compostelano Agustín Sixto Seco, remarcasse no seu discurso de tomada de posse a incapacidade dos galegos para ficarem 'atentos à chamada da terra'. Nos discursos de inauguraçom da Casa-Museu, recebêrom agradecimentos o arquiteto que se oferecera para o desenho da restauraçom da Casa, Andrés Fernández-Abalat, e mais a empresa que levava a cabo as melhoras do jardim, mas ficou sem ser pronunciada a dívida com o crucial contributo do povo galego.

Até o dia de hoje nom se tem promovido o entendimento histórico de até que ponto a Casa-Museu de Rosalia de Castro é, no sentido mais literal, de todos. No entanto, continua a ser utilizado o lugar conum

de que 'Rosalia' é um símbolo unificador e compartilhado da galegidade, como pretexto para tirar dele valores como a transcendência, o feminismo ou a solidariedade social, dos quais anda bem desprovida hoje em dia a política institucional. Deste jeito, a Casa da Matança passou de ser o espaço em nome do qual se pronunciou a dignidade dum povo preparado para sobreviver ao fascismo, a ser o cenário de usurpaçoms e equívocos interessados. Mais cumpre nom se enganar: a história destes equívocos começa no momento mesmo em que os gestores do rosalianismo institucional eclipsárom a realidade dum pulo popular sen o qual nom teria sido possível a reabilitaçom dum dos seus espaços emblemáticos. Nom sei se ao abeiro do legado rosaliano se guarda um espaço legítimo para os que utilizam o seu nome enquanto se colocam acarom do poder. Mas onde sempre haverá sítio para todos é no campo arrasado pola nossa desmemória.





# A FOTO

Sole Rei

## CARDUME

**S**em cardume, os peixes mais pequenos estariam condenados a serem engolidos polos maiores. Antes ou depois, esse destino acabaria por lhes chegar. Os mais aptos para a camuflagem, ou os mais habilidosos no momento de se agocharem, talvez resistiriam. Mas tampouco é seguro. Por mui elevado que seja o número, este carece de valor se não existe sentimento de coletividade. Os remeiros vogam todos no mesmo sentido. Caso contrário, a barca não avança, ou, como muito, fai-no descrevendo círculos. Sempre às voltas sem mudar de lugar. Muitos uns não valem nada se não são quem de somar-se para se converter em seis milhões. Ou mais. Sem o grupo, os indivíduos perdem-se de vista os uns dos outros, as suas forças esvaecem. Já o dizia a bruxa *Ave-ria*: sozinha não posso; com amigos sim.



## CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

**E**vinha da Torre Conde escreve e toca o acordeom. As foliadas e a poesia som para ela necessidades vitais porque, como lhe digêrom um dia, “as suas maos na tecla do acordeom contribuem para ser antropologia social, memória do povo nom vendida ao capital”. Ela insiste em que o mérito é das coplas da música tradicional, que som, ao fim, poemas musicados do que fomos e continuamos a ser como pessoas e como povo. Eis umha amostra da sua escrita.



### REABILITAR CASTELOS OU TORRES

Recordos transitórios,  
cousas fora de lugar:  
umha centola  
-zen-tola-  
mais umha nécora pé dumha torre.

Um eu,  
centola na opacidade  
da porta pechada da Torre de Celas.  
Ao seu pé,  
Maré infinda enriba das ervas,  
umha nécora.  
Cousas fora de lugar.

Em Celas, na torre,  
coma quem di Doiras, no castelo;  
Castro Verde, Caldadoba, Ponte d'Eume.

O conto do príncipe maila princesa.  
O conto de sempre.  
O conto pelo que muitas  
nos abstemos agora de comer perdizes  
querendo fazer-nos alimento da nossa própria carne.

Será daquela quando o conto tenha um final feliz.  
Centolas e nécoras habitando nas torres  
de cadanseu castelo rehabilitado.  
O conto do homem maila mulher livres,

o conto da igualdade.  
O conto que será para sempre.  
O conto polo que merecerá a pena comer perdizes  
para celebrar  
que já nom somos príncipes nem princesas.

### MEMÓRIA DO REPENICAR NOTURNO DA BERENGUELA

Linha reta a desta minha tranquilidade,  
bordeando-a,  
passeio solitário pela ribeira do Douro  
no Porto  
sem mais importância que a do caminho,  
inumeráveis portos a que chegar  
vivendo na felicidade da raia,  
entre essa linha invisível  
que separa as fronteiras que nom há.  
Reintegracionismo mais lá da língua...  
...na catedral das almas.

### PRIMAVERA MEUS. PRIMAVERA NA DO CASTRO

E também sendo primavera  
chovera arreu daquela.  
Mália que hoje chovesse espesso,  
continuaría sem se embaciar o dia claro.

Chovera muito.  
Mais hoje aramos com a firme intençom  
de sementar, seitura no ar á espera de saber se é.  
Chovera tanto daquela que a água  
desbordara

baixando polos regos feitos.  
A terra já nom podia tragar mais,  
botava por fora.  
Tundas de água, quanta dor,  
como se violência de género for.

Figemos depois sopas de  
“nunca choveu que nom escampasse”  
para tentarmo-nos curar da catarreira.

...Escampou aquele daquela.

O sol alouminhava cada rego  
daquela enchoupado,  
terra seca,  
nos regos  
trigo nado que tapava  
a lembrança da chuiva  
que calara até os ossos,  
inda mais adentro,  
até a alma onde por fim hoje,  
era primavera.

Chamar-lhe  
á estaçom pelo seu nome  
quando nom o era.  
E com a contrariedade do verso  
também os invernos podem ser,  
com vontade, primaveras.



## LÍNGUA NACIONAL

# X100 ou LNOEDPDE

Valentim R. Fajim

Foi Simón Bolívar, ao que parece, o autor da frase: “Divida e vencerás, une e reinarás”. Referia-se às colónias norte-americanas que na altura acabavam de unir-se no que hoje são os EUA. Pola sua parte, as ex-colónias espanholas permaneceriam divididas em vinte e tantas unidades. A frase deveu ficar a badalar nos cérebros das elites nacionais espanholas durante gerações, com a intensidade bastante para consagrarem-se a não repetir o erro.

Comecemos polas ilhas Baleares. O seu governo está a colocar a hipótese de que os manuais escolares do próximo ano letivo



estejam disponíveis em 'balear', com as suas variantes em maiorquino, menorquino e eivissenco. Um dos objetivos é combater o pancatalanismo.

Desçamos um bocado, até Valência. A sua Generalitat nego-

cia com a sua homóloga catalã a receção recíproca da TV3 e de Canal 9. A valenciana afirma que só acederão a os seus administrados verem a TV3 se se respeitarem as senhas de identidade de Valência. Um dos pontos

de fricção é que o mapa climatológico da TV3 não inclua Valência e Baleares.

Acabemos com a melhor. O governo de Aragão acaba de derrogar a tímida lei de línguas vigente. Na nova não existe mais o arago-

nês e o catalão. O primeiro chama-se agora LAPAPYP, siglas de “lengua aragonesa propia de las áreas pirenaica y prepirenaica”. A segunda chama-se LAPAO, em extenso “lengua aragonesa propia del área oriental”.

Na manife do dia 17 de maio, a AGAL e a Pró- assistem e convocam sob o lema x100. Perante a estratégia de dividir promove-se multiplicar por cem, de 2,7 para 270 milhões.

Seja então, X100 ou LNOEDPDE?

O nosso lugar no mundo ou “Lengua del noroeste de España desligada del portugués y dependiente del español”

## CINEMA

# (Re)visom do Novo Cinema Galego

Xurxo Chirro

“N”a edição de 2010 do Festival de Cannes, competiu o filme galego *Todos vós sodes capitáns*, de Oliver Laxe, que, finalmente, obteve o prestigioso Prémio FIPRESCI. Sem nengumha dúvida, este é o momento mais importante da História do Cinema na Galiza. Previamente a este grande êxito, concretamente uns cinco meses antes, cunhou-se o termo Novo Cinema Galego pensando já no alcance do filme de Laxe e prevendo, com algo de risco, tudo o que viria depois. Portanto, este mês de maio em que se cumpre o terceiro aniversário desta efeméride é um momento mais que ajeitado para fazer revisom do que deu de si o que agocham estas três palavras: NOVO CINEMA GALEGO.

Num princípio, dizer que estes três anos passam por ser o momento de maior esplendor desta inércia criadora que abriga esta etiqueta e, por conseguinte, do Cinema Galego. Mas há que reconhecer que este período foi ante-

cedido por umha etapa prévia necessária que acondicionou o terreno para o que estamos a viver. O germe para erigir este andaime fôrom as políticas audiovisuais realizadas ao seu devido tempo pola Agência Audiovisual Galega. Este suporte da Junta da Galiza foi perfilado até a sua eliminação polo que se aguarda que mingue ostensivelmente a produção vindoura, polo qual o futuro próximo, se nom dim o contrário os criadores, passará a ser umha fase dominada polo declive.

No passado Play-doc, houve umha juntança de realizadores, críticos e programadores da Galiza em que se pensou e se trocáram pareceres sobre esta efervescência criativa. O “mau” desta jornada é que trás o falado houve consenso em tudo, umha circunstância que se acabou constituindo em toda umha evidência. Deu-se um olhar atrás onde todo o mundo se congratulou polo atingido mas foi umha satisfação mitigada pola incerteza do futuro.

Outro dos elementos de consolidação do Novo Cinema Galego foi a perceção externa. Curiosa-



mente, os filmes fôrom os melhores embaixadores para falar do que se estava a fazer na Galiza em matéria cinematográfica, nom foi a assistência a mercados, nem o papel das distribuidoras, nem a promoção da administração, nem o apoio do setor, nem o sustento do público... Mas que podia acontecer se a estes filmes se lhes somasse tudo isto? Atualmente, existe um reconhecimento internacional de que algo foi bem feito na Galiza em apoios à produção. O surgimento dum bom feixe de filmes valorizáveis, a sua presença nos circuitos de festivais e a presença em meios especializados, foi suficiente para que críticos, programadores e cinéfilos de todo o mundo se interessassem polo que está a acontecer na Galiza. Umha curio-

sidade que, porém, nom existe na Galiza, onde há um desleixo generalizado. Umha desconsideração que, sobretudo, procede do âmbito da Cultura Galega, que nunca soubo valorizar o cinema como ferramenta cultural.

Mas a estas alturas já se pode fazer um diagnóstico mais acaído das confluências e características que se verificam no Novo Cinema Galego. Os seus filmes nom seguem um padrom estabelecido e oferecem muita diversidade e variedade nas propostas. Há um grande interesse pola experimentação e por assumir riscos criativos. Utilizam temas que, apesar da localização local, som contemporâneos e universais: memória, identidade, panteísmo, alteridade, reflexom sobre o meio... A criação, pola primeira vez na Ga-

liza, está secundada pola crítica e a programação. Há umha mudança de modelo de produção caracterizado polo low-cost e pola erradicação da figura do produtor usual. Isto fai que exista um predomínio da nom-ficção pola sua acessibilidade e liberdade. Os criadores procedem de distintos campos e nom se movem por questons geracionais, mas por inquietudes artísticas. O espírito que os move é a consideração de que o cinema “nom é um negócio, mas um ato de amor”. Umha coincidência que os leva a ter umha disposição de colaborar entre si: prestando-se equipamentos, assessoramentos, promoção exterior... Os realizadores som cinéfilos, pensam a imagem, nom só a deles, mas a dos demais. Umha bagagem reflexiva que os leva a achar umha referencialidade coerente. Existem algumas coincidências contextuais com outros focos de criação cinematográfica no mundo, mas a densidade de cineastas que fam este tipo de obras na Galiza é o suficientemente elevada como para falar com autonomia da existência do Novo Cinema Galego.